



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA  
(ILAESP)**

**RELAÇÕES INTERNACIONAIS E INTEGRAÇÃO**

**INFÂNCIA, COLONIALIDADE E PAZ:  
CRIANÇAS MILITARIZADAS E SUA PROBLEMATIZAÇÃO EM FOCO.**

**VICTORIA GIANNINI BEYERSDORF  
ORIENTADOR: RAMON BLANCO**

Foz do Iguaçu  
2022

## **RESUMO:**

O presente artigo traz a análise do enfoque contraditório das crianças soldados na disciplina das Relações Internacionais, e a relação e atenção dos países imperialistas em cima do tema e de atuações não efetivas. Realizando uma investigação em cima dos motivos, realidades, definições, causas e atuações de crianças-soldado, realizando uma setorização entre países centro e periferia, enfatizando organizações internacionais e não governamentais que atuam na área e assim, evidenciando as outras categorias dentro da Infância nas relações internacionais que são deixadas pelos estudiosos. São utilizados, principalmente, conceitos da teoria decolonial, da necropolítica e a teoria da dependência. O argumento do artigo é o fator da necessidade de atenção às crianças em situação de vulnerabilidade em estados em guerra e sua relação com a construção da paz. O artigo foi dividido em duas seções. A primeira explica o que é a criança-soldado, suas vivências, consequências, causas, entre outros, critica a atenção e atuação dos atores internacionais em cima da temática e por fim, a utilização do tema como promoção da visão colonialista. A segunda seção evidencia as outras categorizações da infância nas relações internacionais, realizando recortes de gênero, raça, classe e etnia e os efeitos desta invisibilização.

**Palavras-Chave:** Infância, Criança-soldado, Conflito. Vulnerabilidades.

## **RESUMEN:**

Este artículo aporta el análisis del enfoque contradictorio de los niños-soldados en la disciplina de las Relaciones Internacionales, y la relación y atención de los países imperialistas sobre el tema y una actuación no efectiva. Presenta una investigación sobre las razones, realidades, definiciones y acciones de los niños-soldados, realizando una diferenciación entre países centrales y periféricos, haciendo hincapié en los actores que actúan en el área y destacando así las otras categorías dentro de la infancia en las relaciones internacionales. Se utilizan principalmente conceptos de la teoría decolonial, la necropolítica y la teoría de la dependencia. El argumento del artículo es la necesidad de atención a los niños en situación de vulnerabilidad en los estados en guerra y su relación con la construcción de la paz. El artículo está dividido en dos secciones. En el primer apartado, se explica quiénes son los niños-soldados, sus experiencias, consecuencias, causas, entre otras, y se critica la atención y actuación de los actores internacionales y, finalmente, la utilización de este como promoción de la visión colonialista. En la segunda sección se destacan las otras categorizaciones

de la infancia en las relaciones internacionales que abarcan género, raza, clase, etnia, y los efectos de esta invisibilización.

**Palabras clave:** Infancia, niños soldados, conflicto. Vulnerabilidades.

**ABSTRACT:**

This article analyzes the contradictory approach of child soldiers in the discipline of International Relations, and the relationship and attention of imperialist countries on the subject and non-effective actions. Performing an investigation on the reasons, realities, definitions, causes and performances of child soldiers, performing a sectorization between central and peripheral countries, emphasizing international and non-governmental organizations that operate in the area and thus highlighting the other categories within the Childhood in International Relations that are left aside by scholars. It was used concepts from decolonial theory, necropolitics and dependency theory are used. The argument of the article is the factor of the need for attention to children in vulnerable situations in states at war and its relation to peacebuilding. The article has been divided into two sections. The first section explains what child soldiers are, their experiences, consequences, causes, among others; it criticizes the attention and actions of international actors on the issue; and finally, the use of the issue as a promotion of the colonialist vision. The second section highlights the other categorizations of childhood in international relations, cutting across gender, race, class, and ethnicity and the effects of this invisibilization.

**Keywords:** Childhood, Child Soldiers, Conflict. Vulnerabilities.

## INTRODUÇÃO:

Os estudos dentro das Relações Internacionais englobam diversos campos e áreas distintas, partindo desde o Direito Internacional, à Economia, de teorias mais conservadoras a mais críticas, podem focar nas minorias ou nas hegemonias. No seguinte artigo o foco será as crianças dentro das Relações Internacionais, particularmente nas crianças soldados das regiões Sul e com a problematização do grande enfoque da disciplina em cima deste setor da infância. O foco será trazer uma reflexão extensa sobre este enfoque por parte tanto da disciplina quanto das hegemonias e as contradições que este tema apresenta.

Primeiramente, é necessário explicar o que são crianças e adolescente de acordo com o Estatuto da Criança, “*considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade (Art. 2º)*” (BRASIL, 1990a), aqui discutiremos o papel de ambos. Segundo, é necessário definir o que são as crianças soldados, ou “Crianças Associadas a Conflitos Armados”<sup>1</sup>, elas são aquelas crianças - aqui contabilizados como qualquer jovem abaixo de 18 anos - tiradas a sua inocência e que assumem papéis de adultos durante um estado de guerra, se envolvendo desde em carregar armas, a espãs, cozinheiras, escravas sexuais, mensageiras, entre outros. Antigamente era usado o termo especificamente para crianças em conflitos armados na África recrutadas por forças armadas nacionais ou grupos armados não-estatais (UNICEF, 1997). Porém, depois foi analisado que estas crianças em situação de vulnerabilidade estavam presentes em diversos continentes no Sul, no Norte, em países desenvolvidos e em desenvolvimento. \*

Dentro das Relações Internacionais, a infância não possui um protagonismo, quando atreladas a disciplina é vinculado aos estudos feministas e da relação mulher - mãe, assim anulando todas as singularidades de cada jovem com suas respectivas vivências, culturas, vulnerabilidades e presença no sistema internacional. As crianças são, sim, atores das relações internacionais, tendo uma conexão direta com a evolução da sociedade e representando escancaradamente as desigualdades presentes no mundo hoje. Os primeiros que são afetados em áreas de guerra, em situações de conflito, lugares insalubres, falta de educação e alimentação e outros direitos básicos, são as crianças devido ao seu momento de desenvolvimento pessoal que será prejudicado com os traumas do passado, assim sendo duplamente marginalizadas.

---

<sup>1</sup> Nomenclatura acordada em 2007 nos Princípios e Compromisso de Paris.

Se criamos crianças com a realidade da necessidade de defender um país, de trabalhar antes da idade correta, de se calar ao ver algo que não concorda, em seus futuros propagarão essas noções e vivências, e não será culpa delas, e sim do sistema internacional que força esta existência e esta realidade. Ao analisar as áreas de inserção da infância na disciplina de relações internacionais vemos que existem diversos campos em que a criança se mostra como um ator e como uma peça-chave para a estrutura mundial. Por exemplo, crianças e militarização, a questão de gênero diretamente ligada ao indivíduo, ativismo direto e indireto - Greta Thunberg e Malala -; a utilização das imagens infantis para propagar comoção internacional e nacional, as relações desiguais a respeito das crianças com deficiência, entre outros.

Para sustentar a discussão, iremos trabalhar em cima de duas teorias principais, a da Dependência, a Decolonial e por fim, o conceito de Necropolítica. Estes três conceitos nos ajudaram a adentrar nas consequências, e causas de as crianças soldados estarem na posição em que estão e a falta de amparo da parte da sociedade internacional e dos Estados Nacionais para o tema.

Estes conceitos trarão a principal problematização apresentada neste artigo, a falta de atenção e demasiado julgamento em cima de crianças em situação de vulnerabilidade em estados em guerra. E a incriminação em cima dos países do Sul, sendo apresentadas justificativas de “menos desenvolvidos”, fracos economicamente etc., como motivos convenientes para os acontecimentos. A partir disto também, veremos que a disciplina das relações internacionais e particularmente a seção de infância, possui um foco extremo em crianças soldados e em seu estudo, assim faltando a atenção a outros setores tão importantes quanto. Ao ter uma grande atenção seria esperado que haveria intervenções mais ativas em cima desta adversidade, porém veremos que é bem direcionado às atuações.

O seguinte artigo será separado em duas seções que irão conversar entre si para ao final chegar em uma análise crítica sobre a demasiada atenção, a falta de atuação e intervenções em casos de crianças soldado e outras questões da infância em regiões de guerra e, principalmente, na região Sul do mundo. A primeira seção terá o objetivo de aprofundar mais nas crianças soldados, contar os cargos que lhes é determinado, evidenciar os países em que esta atuação é mais frequente e apontar as causas e consequências que fazem estas crianças serem colocadas e/ou voluntariamente obrigadas a exercer este papel. E por fim, veremos as soluções para a situação e analisaremos as atuações dos atores internacionais em cima da barbaridade que é as “crianças -

soldados”, criticando desde as Organizações Internacionais aos Estados Nacionais, e também a sociedade como um todo.

A segunda seção dará um foco em cima das lacunas referentes a infâncias nas relações Internacionais, fazendo um corte de gênero, raça, deficiência, etnias, etário etc. Evidenciando as outras áreas esquecidas pelas relações internacionais e assim, a ausência das discussões fazem com que as pessoas não percebam que as crianças estão presentes dentro dos jogos internacionais. Por fim, destacar de forma breve as possíveis soluções e formas de educação para a paz, evidenciando também os diferentes tipos de proporcionar os Direitos Humanos e Humanitários.

A última seção, ou seja, as considerações finais, trará uma breve recapitulação de tudo discutido dentro do artigo, analisando as razões para disciplina descartar a análise das infâncias, mostrando soluções da educação para paz, assim como outros tipos de resoluções possíveis dentre questões ideológicas, políticas e sociais.

## **CRIANÇAS ASSOCIADAS A CONFLITOS ARMADOS E OS PAÍSES CENTRO E IMPERIALISTAS:**

O conceito de criança soldado ainda é uma incógnita para grande parte da população, tanto no meio acadêmico e internacionalista, como parte da população em geral. Isto não significa que as pessoas nunca viram imagens ou relatos de crianças participando ativamente de guerras e conflitos, segurando armas, presentes em formações de estratégia, ou envolvidas de forma involuntária e violenta, como escravas sexuais. A presença até existe no conhecimento geral, mas não na análise aprofundada do que é a criança-soldado em seu conceito próprio. Durante este artigo será dialogada a contradição entre a invisibilização desta categoria assim como a excessiva atenção e manipulação em cima do tema por parte das disciplinas e por atores internacionais.

A inserção do tema só começou a ser introduzida tardiamente no meio internacional, no final do século XX e início do século XXI, após a Conferência dos Direitos das Crianças em 1989. Na década de 1990 a discussão da criança soldado entra efetivamente na agenda de Segurança da ONU, ganhando mais atenção desta e de outras Organizações Não-Governamentais como, Save the Children, The Romeo Dallaire Child Soldier Initiative, Watchlist on Children and Armed Conflict, Child Soldiers International, e a Child Rights International Network. Esta introdução se torna indispensável para o começo de uma discussão sobre a importância das crianças no cenário internacional e suas influências em situações de conflitos armados.

Entre momentos de guerra e de conflitos ao redor do mundo, as crianças fazem parte de um dos grupos vulneráveis que mais sofrem com as consequências, tanto em questão de construção histórica pessoal, se encaminhando para questões ideológicas e políticas, de trauma e perdas que serão carregadas ao longo de suas vidas. Em países como Israel, Ucrânia, Rússia e entre outros, as crianças crescem com a naturalidade de um dia entrar no exército como forma de ser patriota e de defender o seu país, e poucos caminham na contramão e querem ir contra este sistema, esta seria uma questão cultural da construção da militarização na vida destes indivíduos. Vemos também a relação da vulnerabilidade em guerras como a da Palestina e Israel, aqui com referência aos fatos de 2021, em que pais e mães palestinos trocavam crianças entre si, para caso houvesse bombardeios alguém da família sobreviveria, mesmo que fosse sem seus genitores.

Por fim também, um caso famoso, seria o de Alan Kudi, o menino Sírio encontrado em uma praia na Turquia, em que ao tentar fugir junto de sua família do regime autoritário de seu país, não conseguiu chegar com vida em outra terra. Sua imagem foi utilizada de forma indevida e sensacionalista, reproduzindo uma agressão institucional e sistemática, que por mais que possa ter gerado consciência social e política no momento ao resto do mundo, pouco foi feito sobre o assunto. O caos já se tornou habitual aos nossos olhos, já adentrou como parte dos problemas do nosso corpo social, nos tornamos apáticos à realidade e acontecimentos como estes.

Nos casos citados acima vemos crianças sendo vistas como vulneráveis e inocentes até o momento em que se tornam adultas, e assim recebem outras características. De acordo com PAGNI (2010), a infância representa um estado negativo do ser, etimologicamente, se resume a aquele que não fala, assim a criança é definida a partir do “não ser”, do não saber fazer e da subordinação aos mais velhos, se resumindo a um ser inocente, que não vê o mal e não o reproduz, que está em constante avanço e evolução. Ao serem divulgadas imagens de crianças em estados de vulnerabilidade diversas a solidariedade é instantânea, assim como foi descrito no parágrafo anterior, o ser como algo indefeso e o estado protetor entra em ação, com um objetivo verdadeiro ou falso de auxílio. Mas quais crianças têm o direito de serem inocentes e a terem a sua infância sadia? E quais, aos olhos dos atores internacionais, são catalogadas como pequenos-adultos?

Ao analisar mais a fundo estas categorizações de pequenos adultos ou crianças, é possível observar relações de estereótipos, vinculados ao racismo estrutural e ao pensamento colonial. Temos como exemplo os conflitos nas favelas brasileiras, a criança negra que trabalha para o tráfico, - lembrando que quando falado crianças são meninos de até 18 anos - por diversas questões

de perspectivas, realidades e necessidades, ao serem manipuladas pela mídia são colocadas de forma negativa como traficantes e ladrões, dando características associadas diretamente a adultos. Porém, ao ser divulgado na mídia histórias de crianças brancas de classe média, que cometem crimes, como roubos, tráfico etc., as características são referentes à inocência da criança, sendo utilizadas palavras genéricas como adolescente, menino, jovem etc.

Aqui é importante levantar a afirmação de que ambos estão em uma situação de vulnerabilidade e realizaram de fato atitudes ilegais. Porém o problema apresentado é como os dois adolescentes são tratados e apresentados pela mídia. E como o racismo estrutural se propaga entre as questões de infância, onde a criança branca é vista como “só uma criança” sem conhecimento, que não fez por mal. Enquanto o corpo negro, ou não branco, é visto como algo selvagem que não consegue ir contra o instinto natural da violência do homem - conceito apresentado por Hobbes e sua relação com a natureza humana -, e que deve lidar com as consequências de forma adulta.

Ao pensar o termo criança, e os indivíduos que se enquadram dentro desta categoria, para o senso comum, é compreendido como pessoas que não tem possibilidade de escolhas próprias, seres subordinados e cópias das ações dos adultos e de seus genitores. Agora, quando aparecem imagens de crianças com armas, a perspectiva muda, e o que torna os nossos pensamentos são características negativas, como delinquente, ardiloso, um pequeno-adulto. De acordo com Giovana de Paiva (2021), *"às crianças-soldado sintetizam a união entre dois mundos aparentemente separados e incompatíveis: o mundo infantil e o mundo da guerra e da violência."* (p. 14).

O comum é ver imagens de crianças-soldados carregando armas e as associando a delinquentes e nocivos, por terem acessos a armas de fogo e a estarem submetidas a uma construção teórica e prática vinda das forças armadas, realizando crimes humanitários. Porém eles não são os culpados, são vítimas dos sistemas instaurados, pela construção histórica cultural de seus países, pela construção internacional de dependências econômicas, políticas, militares, e sociais e pelas lutas de poder entre hegemonias as quais geram guerras, baseados em uma construção capitalista com uma base política na necropolítica.

As razões para as crianças entrarem em situações de conflitos como atores ativos, denominados como crianças-soldados são diversas, indo de ações voluntárias a obrigações parentais e/ou institucionais. Algumas organizações como a Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), a Missão das Nações Unidas no Sudão do Sul (UNMISS), a Human Rights



Watch, Save the Children, entre outros receberam diversos depoimentos de jovens explicando os motivos de entrarem e de permanecerem com suas atuações. Os motivos são diversos, mas todos de alguma forma criados a partir de opressões, traumas e necessidades.

Se analisarmos os indivíduos presentes nas guerras que a República Democrática do Congo entre os anos 1996 e 1997 (1ª guerra) e entre 1998 e 2003 (2ª guerra), foi estimado que milhares de crianças foram recrutadas para as forças armadas, tanto pelos grupos rebeldes quanto pelo Exército Nacional. Estas crianças eram trazidas a estes ambientes através de sequestros em seus lares, escolas e mesmo nas ruas, ou pelo voluntarismo com uma falsa ilusão de possível proteção futura ou com foco em possíveis ajudas financeiras. Os treinamentos eram realizados de forma brutal em que muitos não sobreviviam às atrocidades realizadas, tais atrocidades permeiam entre alimentação inapropriada, estupros, abandonos e violências diversas. (TENÓRIO, 2017. p. 127)

Com base em relatos de crianças do Sudão do Sul, algumas foram forçadas de forma violenta a entrar nos conflitos armados, há também relatos de crianças que viram como uma escapatória da pobreza e da fome, se inserindo nas forças armadas com o objetivo de expandir a sua sobrevivência. Alguns por serem órfãos e não terem a quem recorrer viram as forças armadas como a última saída; outros que devido a uma construção cultural acreditam nas forças armadas como uma defesa à nação, e a partir de traumas viam esta como uma solução para se vingar daqueles que tomaram as vidas de suas famílias e seus vilarejos. E uma vez que entravam, não tinham mais o direito de sair, o depoimento de uma ex-criança soldado, Justina, evidencia esta questão, onde após tentar fugir levou um golpe na barriga e caiu, *“Eu caí e fiquei deitada, Eles [do novo grupo] me perguntaram se eu queria ficar com eles ou voltar para casa. Disseram que, se eu quisesse voltar para casa, me matariam. Tive medo e permaneci com eles por dois anos”* (CARPANEZ, 2018).

Entre outros depoimentos, temos os casos de meninas colombianas em que algumas se voluntariaram para fugir de abusos domésticos, tanto físicos quanto psicológicos, e explorações institucionais, acreditando que ali nas forças armadas estariam seguras. Em outros casos como na Angola, Serra Leoa, Moçambique e Uganda houveram crianças que foram sequestradas e forçadas a permanecerem nas zonas de conflitos.

É importante evidenciar que muitas crianças viram as forças armadas como um lugar seguro e que ali não sentiriam fome, porém os relatos são contrários, a maioria das crianças sofrem de fome, de jornadas de trabalho intermináveis em que tinham que ficar em florestas e desertos de

forma mandatória, passando necessidades e tendo que caçar o que comer. Outras sofreram abusos sexuais por parte de seus chefes e demais soldados. Vemos assim que os traumas são diversos, não só por terem que pegar uma arma e matar pessoas, mas também agressões que sofreram em si, fisicamente e, psicológica.

Entre os trabalhos das crianças nas forças armadas, o mais conhecido e divulgado é o de soldado efetivo, aquele que segura armas e ataca civis, porém existiram diversas outras funções. Alguns dos cargos dados a estas crianças variam entre: espiãs, onde se escondem em áreas rivais e permanecem observando para depois repassar informações; iscas, onde atraem grupos rivais, organizações ou civis para depois serem atacados pelas forças armadas (estatais ou não). Em maioria, as meninas são usadas como escravas sexuais dos soldados adultos ou como “donas de casa” onde realizam funções como cozinhar, limpar e cuidados pessoais com si e com os demais, assim realizando a reprodução social e sexual do trabalho.

Aqui se torna necessário evidenciar o recorte de gênero em cima das Crianças Associadas a Conflitos Armados e os efeitos diferenciados que estas têm em cima das meninas-soldados. As pessoas do gênero feminino tendem a serem silenciadas nos âmbitos das forças armadas e da atenção de políticas públicas diversas, ao refletir sobre quais crianças são submetidas a estes cargos, as mulheres não são as que veem em mente, e sim as pessoas do gênero masculino. Assim, elas sofrem diversas opressões e violências pela sua invisibilização, pela posição social dada dentro destes espaços de conflito e na sociedade, e pela visão permissiva de que os homens adultos possuem em cima destas crianças.

Sob análise, a forma de recrutamento entre meninas e meninos é semelhante, porém elas partem de espaços de opressão, de violências domésticas e estatais e enxergam as forças armadas, independentes ou estatais, como um lugar possivelmente seguro de tais agressões. Como já citado acima, as meninas não são vistas como fortes e não recebem o “papel comum” de um soldado, mas sim, a função da reprodução social e sexual dentro da sociedade comum que se reproduz nos espaços de conflito. Elas são vítimas silenciadas, que mesmo após a sua atuação e fuga destes ambiente,

As meninas soldado, estando neste “outro” e retidas em uma posição de passividade e de submissão, são ainda mais excluídas que os meninos nos processos de reintegração social no pós-conflito, sendo suas oportunidades de emprego e educação bem mais limitadas. (TENÓRIO, 2017)

Assim, estas recebem agressões de todas as partes, no passado, no presente e no futuro do conflito e de sua atuação, sendo necessário lidarem com os conflitos internos e externos gerados pelos traumas do sistema patriarcal e de guerra. Muitas vezes com poucas perspectivas de futuro e de próximos passos, pois já foram abandonadas pelo sistema internacional.

Porque que só vemos crianças-soldados não-brancas? Quando países como Reino Unido, Israel, Rússia, Alemanha, Ucrânia, possuem grupos de jovens em treinamento para participar de forças armadas nacionais e rebeldes. Por que a diferença entre patriotas e terroristas?

A Child Rights International Network realizou uma entrevista em novembro de 2021 com três genitores de crianças que participaram do treinamento da *Army Foundation Colige*, uma academia militar para crianças, onde são treinados a utilizar armas, estarem em campos de batalha e outros princípios militares, aqui elas são recrutadas de forma voluntária. Entre os relatos foi afirmado relações de abuso de poder e assédios, além de falta de atenção às necessidades e limitações de cada jovem no treinamento.

Uma das mães trouxe o seguinte relato sobre o seu filho que iniciou na academia em 2016:

"[Meu filho...] me disse que ele foi agredido, empurrado, chutado e abusado verbalmente pelo *staff*. Ele disse que se sentiu humilhado por este tratamento e que nunca esperava ser tratado desta maneira (...). Ele tinha fotos de família em exposição no dormitório, como todos os outros garotos. Ele se cansou de escutar seus superiores fazendo comentários vulgares a respeito de mim e de minha filha (...). [meu filho] começou a beber muito e foi muito retraído... ele me ligou para me dizer que estava entregando sua carta para sair. Mas o pedido foi rasgado à sua frente. Ele tinha apenas 17 anos e estava devastado por não poder sair... Meu filho morreu no ano passado enquanto ainda servia no exército'.<sup>2</sup>  
(CRIN, 2021; tradução nossa)

Entre os outros dois relatos são comentados uma pressão por parte dos superiores aos jovens a irem em ambientes adultos, como bares, *strip-clubs*, além da instigação de brigas entre os companheiros. As mães relataram o quanto viram seus filhos com trauma e com dificuldades de conversarem sobre o assunto e verbalizarem o que passaram nos seus anos na *Army Foundation College*. Com estes relatos a Child Rights International Network escreveu uma carta a Ofsted (Office for Standards in Education) demandando uma atuação em cima da academia, após receberem cerca de 60 relatos de abuso entre os anos de 2016 e 2020.

---

<sup>2</sup> Tradução feita a partir do relato de Allison para a Child Rights International Network em novembro de 2021 at <https://home.crin.org/readlistenwatch/stories/army-abuse-testimonies>

Este centro de treinamento é oficializado pelo governo da rainha Elizabeth. Aqui vemos que o Estado muitas vezes concorda e produz certas atuações, e assim se tornam funções das Organizações Internacionais ou dos corpos individuais se pronunciarem sobre as atrocidades que estas crianças viveram, e evidenciar que qualquer estado de manutenção de paz falha e colonial traz aberturas para atuações controversas em cima do tema.

Resumindo, as crianças soldados, são definidas pela UNICEF como:

[...] qualquer pessoa menor de 18 anos de idade que faça parte de qualquer tipo de força armada regular ou irregular ou grupo armado em qualquer capacidade, incluindo, mas não se limitando à cozinheiros, carregadores, mensageiros e qualquer pessoa que acompanhe esses grupos, que não sejam membros da família. A definição [também] inclui meninas recrutadas para fins sexuais e para casamento forçado, não se limitando, assim, apenas a crianças que portam ou têm armas (UNICEF, 1997, p.12; tradução nossa)<sup>3</sup>

As crianças associadas a conflitos armados, podem assim serem vistas como um desvio patológico da infância, em que não são o problema e sim uma emergência internacional, em que a atuação em cima do termo devida deveria surgir a partir de um caráter moral e ético, com foco no bem-estar destas crianças em conflitos.

Estas crianças que vão além da visão da inocência e se tornam pequenos adultos, aos olhos de certos grupos de pessoas, são analisadas pelo senso comum e pelo sistema internacional como crianças desviantes, as quais vivem em Estados falhados, ou Estados falhos. De acordo com Giovanna de Paiva, os Estados Falhos, podem ser definidos como aqueles Estados-Nações e desviam do determinado Estado Liberal que se desenvolvem e propagam políticas que “*estão fora das regras e das instituições da ordem internacional liberal vigente*”, ou seja “Estados fora da lei” (CHOMSKY, 2006, p. 110).

De acordo com a Segurança Internacional a culpa dos conflitos citados ao longo deste texto, é destes Estados, por não seguirem o acordo não-dito internacional das nações, assim sendo predestinados à violação dos direitos humanos e das crianças. Desta forma, a solução não se torna algo intencional e sim designado a cada Estado responsável e divergente através de uma construção e de desenvolvimento sustentável de um estado liberal democrático, não sendo permitido a atuação completa de Organizações Internacionais.

---

<sup>3</sup> Tradução retirada da página 112 no capítulo VI “*Recrutamento Infantil: Uma Reflexão À Luz Do Estudo De Crianças Soldado Na República Da Colômbia E Na República Democrática Do Congo*” por Bruno de Oliveira Biazatti, Eliza Martinelli, Emili Willrich, Nathália Monte Adelino, do livro “*Crianças, infância e conflitos armados: Análises das conjunturas global e regionais*” de Vivianne Wanderley Araújo Tenório e Wanda Helena Mendes Muniz Falcão

A política assistencialista internacional é estruturada a partir de uma construção histórica-social-política de dependência, em que os países do Norte não se atribuem a responsabilidade e os efeitos que fizeram ao longo dos anos em certos países. A relação de dependência surge com diversas consequências em países que possuem uma falsa visão de independência financeira, social e política, em que não são permitidos de se desenvolverem além do esperado pelos seus Estados-Colônia. Assim este controle tem como propósito manter as desigualdades de desenvolvimento e o *status-quo* entre desenvolvidos e não desenvolvidos, selvagens e civilizados, na visão Américo-eurocentrista. Nestes estados falhos a vida não é vista como humana e não é válida, assim “*onde a vida é reconhecida ela é universalmente preservada, onde não é, perdura a violência.*” (DA SILVA LAU, 2019).

Desta forma a assistência internacional efetiva se torna ilegível e não atuante, sendo feita através de uma falsa atuação e de preocupação, em que a ajuda é limitada. Assim está sendo direcionada a Organizações Internacionais e não governamentais.

É de conhecimento geral que os Estados-nações defenderam e se defendem a partir do que acreditam e do que seria benéfico para eles, então é "compreensível" a falta de atuação para a resolução destes conflitos, olhando a partir de um âmbito capitalista e imperialista de constante competição e de controle econômico, político e social, em que se lucra com a guerra e com o conflito de países subalternos.

Assim, seria esperado que temas como este fossem discutidos por instituições neutras, aqui categorizadas como Organizações Internacionais, tanto não governamentais quanto governamentais. Esses casos deveriam ser classificados como áreas da Segurança Internacional, e assim englobando a atuação de diversos atores das relações internacionais, porém como uma "máscara" os estados designam a função para estas organizações, as quais têm uma atuação limitada, devido a suas resoluções e determinações de atuação. Como exemplo, a ONU, que possui a missão de manutenção da paz, com algumas limitações e sem autoridade de intervenção, principalmente em casos de guerras realizadas pelos Estados fundadores.

“As ações da ONU no campo da segurança internacional dão-se sempre por delegações dos Estados - nomeadamente, os cinco detentores do veto no Conselho de Segurança - (...) esses Estados não aparecem nem um pouco inclinados a empoderar a ONU para o exercício eficiente da coerção” (BELÉM, 2007)

A ONU possui um setor somente para análise e intervenções em situações de guerra e com foco em crianças em situação de vulnerabilidade em meio a conflitos armados, chamado de Escritório

do Representante Especial do Secretário-Geral para Crianças e Conflito Armados e o Grupo de Trabalho do Conselho de Segurança para Crianças e Conflitos Armados.

Obviamente, há órgãos e organizações não governamentais que possuem o foco direito em questões das infâncias e em particular as crianças soldados, como: Save the Children, The Romeo Dallaire Child Soldier Initiative, Watchlist on Children and Armed Conflict, Child Soldiers International, e a Child Rights International Network. Porém, assim como dito antes, as ONG's em geral possuem uma limitação dentro das suas atuações, algumas só tem a possibilidade de desenvolver pesquisa, de setorizar e analisar as evoluções do emprego das crianças em guerras, outros desenvolvem meios mais sociais de atuação e dão diretrizes de como prevenir e acabar com as injustiças.

Há outras instituições que focam na infância nas relações internacionais, mas não têm o foco no tema Crianças e Conflitos Armados, ou crianças-soldados, como a World Vision International, Believe in Children Bernardo 's e Plan International. Estas instituições atuam diretamente com crianças em situação de vulnerabilidade de diferentes âmbitos, a Believe in Children, é localizada no Reino Unido, e tem como foco jovens que já passaram por abusos sexuais, violências diversas e problemas com a saúde mental, dando amparo para estas crianças desde antes da Segunda Guerra. A World Vision tem como foco os pilares principais para o desenvolvimento das crianças, e procura providenciar comida, educação, lares, justiça e lazer, através de um apadrinhamento com crianças em situação de vulnerabilidade social e financeira. E a Plan International, que possui sede em diversos países, e que também tem como foco o apadrinhamento de crianças em situação de vulnerabilidade social, através do desenvolvimento de programas e projetos possuem o objetivo de capacitar jovens e empoderá-los para que possam transformar suas realidade.

A razão de citar estas organizações não governamentais que não possuem foco em crianças soldado é para salientar a necessidade de atenção em todos os setores que afetam a infância e as diversas formas de atuar diretamente para mudar as realidades destes jovens e crianças. Esta função não deveria ser destinada somente a organizações e instituições que são construídas a partir da revolta da análise da realidade, e sim pelos estados e outros atores internacionais.

Podemos concordar que sim, as crianças-soldados ou Crianças em Conflitos Armados tem uma atenção tanto da disciplina quanto dos Atores Internacionais, porém o que deve ser criticado e analisado a partir destas informações é como esta temática é apresentada e defendida. Como já

citado, os países imperialistas, brancos e com visões Américo-eurocêntricas utilizam das imagens de crianças não-brancas para propagar e manter o estado de guerra e para passar a visão de “o branco salvador” e dos países “subdesenvolvidos” que possuem uma realidade, ao ver deles, selvagem. E quando realizam suas atuações de ajuda, não são altruístas e sim com uma visão de troca, e limitante.

## **A INFÂNCIA NOS ESTUDOS DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS:**

É possível identificar a contraditória ação dos países do norte sob os países do sul, em relação a segurança internacional voltada para as crianças soldados, e o esquecimento em cima dos outros diversos temas das infâncias. Com uma identificação seletiva, atuam e criticam os países Africanos, Latino-americanos, Árabes, entre outros, trazendo um anti-protagonismo somente para países destas regiões, e se colocando como “puros” e defensores dos direitos humanos, enquanto as suas ações caminham em direção de uma visão colonialista, limitante e abusiva, com pouca base geral. Assim, as relações internacionais têm dois deveres, o primeiro seria a construção de uma visão crítica e decolonial em cima do tema, a segunda seria evidenciar os outros setores da infância na disciplina, e identificar as crianças como atores internacionais.

As relações internacionais possuem diversas lacunas em relação às infâncias, e ao estudo delas vinculadas à disciplina. Durante a carreira universitária raramente é visto a discussão deste tema em aulas obrigatórias, palestras ou disciplinas optativas, quando o interesse surge é necessário a busca em outros cursos como Serviço Social, Ciências Sociais, Pedagogia, Educomunicação, entre outros. Então não se torna uma culpa do estudante em si a falta de atenção ao tema, e sim da construção da disciplina em cima da temática.

Se torna necessário a análise da categoria a partir de um desenvolvimento com um caráter decolonial, indo além das crianças do centro e com enfoque nas crianças do sul. Temos como exemplo o texto de Alison MS Watson, Alison MS Watson, “*Saving more than the children: the role of child-focused NGOs in the creation of southern security norms*”, o qual traz uma análise da Save the Children, uma organização não governamental que tem como objetivo assegurar os direitos da criança pelo mundo, através da ajuda humanitária de caráter emergencial e também em projetos de desenvolvimento ao longo prazo. Neste artigo ela ressalta a importância da ONG, porém com uma visão ainda colonial, o que causa um desconforto, já que o objetivo era criar uma atenção aos países do Sul global.

Agora fazemos um exercício, quando você pensa em crianças e na infância dentro das relações internacionais, quais imagens vem à cabeça? As imagens podem ser as que eu já comentei ao longo deste artigo, mas majoritariamente associamos pensamentos a países em conflitos, e assim associamos a crianças-soldados ou crianças refugiadas. E em qual muitas vezes uma categoria está associada com outra. Outras pessoas talvez digam que nunca imaginaram a infância relacionada com as relações internacionais, o que é compreensível também.

Assim é necessário analisar as crianças como protagonistas de um mundo futuro e atual, e entender onde do sistema internacional e em qual lugar da disciplina elas aparecem, e podemos confirmar que elas estão presentes desde o Direito, aos estudos sociais, às ciências sociológicas e políticas, nas teorias das relações internacionais, nos estudos de organizações internacionais entre outras possíveis disciplinas cursadas ao longo do período de graduação e pós-graduação.

Com isto assinalado, temos que refletir quais são as categorizações deixadas de lado tanto pelo caráter internacional, pela disciplina e pelos estudiosos do tema quando pensado em crianças em áreas de conflito, como: crianças com deficiência, crianças racializadas, a imagem das crianças utilizadas na política internacional, jovens como ativistas e agentes do Peace Building, a construção destas crianças militarizadas num geral (massacres em escolas, cultura da guerra através de jogos, filmes, etc.), crianças órfãs de conflitos, as relações de gênero presentes dentro da infância e as relações de crianças LGBTQ+, entre outros casos. Algumas destas já evidenciadas ao longo deste artigo, como a utilização da imagem de crianças, crianças militarizadas, racionalizadas, diferenças de atenção em relação a meninos x meninas.

As questões de gênero foram evidenciadas a partir da especificação das vivências das meninas no caráter internacional, e a sua função no sistema patriarcal. Se relacionam com o meio a partir da reprodução sexual, e o seu papel na reprodução social e proletária de manter o sistema capitalista patriarcal em funcionamento, realizando a tripla jornada, ou uma preparação para. Elas já sendo tratadas como adultas antes mesmo de se tornarem adolescentes.

Outro tópico já apresentado é o racismo e a criança racializada aos olhos do Estado e da sociedade. São vistas sempre desde a ótica do negativo, do inferior, do sem perspectiva, e sempre relativizando e associando como um corpo só, em que um representa todos - importante evidenciar que este não é o meu pensamento, e sim, o visto pelos estados nacionais e internacionais. O corpo negro precisa ser respeitado, valorizado e visto como indivíduos que sofreram e sofrem com as consequências do colonialismo e da segregação social, vinda de anos de opressão e violências,



evidenciadas através do racismo estrutural. Como citado antes, porque ao vermos crianças negras com armas ou drogas associamos a bandidos e terroristas e ao vermos crianças brancas com os mesmos itens, e muitas vezes em mais quantidade, são colocados como "usuários" ou "patriotas"?

Estas segregações e diferenças linguísticas apresentadas pela população e pelos canais midiáticos, refletem um pensamento colonialista e da política da necropolítica do Estado. Este termo foi apresentado por Achille Mbembe, onde apresenta que a necropolítica é o poder do estado de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Pensado a partir da biopolítica, existe a setorização de quem seria um risco em potencial e quem não apresenta nenhum risco à sociedade na visão do estado. Assim, as reações da polícia, da população e do Estado nacional em relação aos indivíduos partem a partir desta política da morte, da reação sem reflexão e da morte como solução para acabar com os indivíduos que eles analisam como ameaças.

Se formos analisar a questão da violência policial e sistêmica, vemos que existe um diferencial entre as ações com brancos, e as ações contra negros e árabes, e analisando em um contexto internacional, entre brancos e negros, árabes e latinos. A construção das atuações sistêmicas em cima destes grupos é sempre com uma visão de contra-atacar, de matar e de analisar a partir do ponto que são eles os que estão em antagonismo e não vítimas. Ao longo dos anos vimos diversas manifestações do movimento negro e antirracistas, que evidenciam na prática como as forças militarizadas do Estado são treinadas para agir na violência e aplicar, na prática, a necropolítica sob os corpos racializados.

No Brasil, temos diversos casos de "balas perdidas" atingindo crianças. Desde meados de 2016 até janeiro de 2022, em média, 113 crianças foram baleadas e 32 vieram a óbito na Região Metropolitana Rio de Janeiro<sup>4</sup>, todas elas negras e vítimas de um estado que segue a necropolítica. As crianças são as principais vítimas destes ataques, para além da dimensão física, mas também apresenta efeitos psicológicos de acontecimentos e de vivências parecidas, perder amigos, familiares, e vizinhos, e ver estes acontecimentos seguirem sendo culpa do Estado. E trazem a necessidade de uma intervenção estatal de mudança, além das atuações vindas de servidores sociais e de movimentos sociais.

Além da atuação pela efetivação dos direitos básicos, como comida, moradia, transporte e saneamento básico, onde muitos por não terem acesso a esses direitos, precisam realizar atos

---

<sup>4</sup> Dados retirados do Instituto Fogo Cruzado e mostrados na matéria "Crianças mortas à bala: tradição de começo de ano no Rio" de Oscar Valporto pelo projeto jornalístico Colabora em 12 de janeiro de 2022.

ilegais para conseguir um leite em pó, ou algo para comer no fim do dia e alimentar a família. E mesmo procurando trabalhos e formas de se manter, são rejeitados por este sistema racista.

O conceito da necropolítica pode também se ajustar a outra categoria já citada, as crianças refugiadas, o sistema internacional e a disciplina das relações internacionais. Os refugiados em geral possuem diferentes relações com os estados receptores, dependendo de onde vem, de sua aparência, e de qual conflito eles estão fugindo. Quando os refugiados são pessoas racializadas, vemos a negação, a limitação, e a xenofobia presente através de frases como “vão roubar o trabalho dos locais” ou que as escolas ficaram lotadas de pessoas sem a mesma educação dos locais.

A criança neste momento é duplamente vulnerável, primeiro por não ter a mesma cultura, língua e outras formas de aproximação, segundo pois a criança já é em si um ser vulnerável, que necessita de cuidados e de atenção, e muitas vezes estas crianças já passaram por traumas envolvendo perdas, conflitos, assim necessitando uma atenção extra. Podemos ver o caso das crianças na Ucrânia, em que muitas tiveram que fugir sozinhas, tanto pelos pais não poderem sair do país ou por outros motivos extraordinários, em média 1 milhão de crianças fugiram da Ucrânia e entre estas 100 mil crianças órfãs.

As crianças refugiadas, assim como as crianças soldados, são vistas pelo sistema e pela população em geral como pequenos adultos, onde já perderam a sua inocência e não são mais crianças vulneráveis, e sim pessoas que estão prontas para vida. A disciplina das relações internacionais tem um foco maior nesta temática, assim como nas crianças-soldados, desenvolvendo análises e atuações diretas com estas crianças. A comoção internacional se mostra presente nestas duas seções do tema, porém com os impasses apresentados anteriormente, a visão colonialista e de dependência, e do mito do branco salvador e as limitações das organizações internacionais.

Outra notícia que também viralizou nos últimos tempos com a guerra na Ucrânia, foi o fator das pessoas com deficiência serem abandonadas, literalmente, devido à dificuldade de mobilidade e de espaços preparados para este transporte. A Yannis Vardakastains, Presidente da Aliança Internacional das Deficiências (IDA) e do Fórum Europeu das Deficiências (EDF), comentou:

A guerra prejudica a vida, a saúde e a segurança dos seres humanos, mas para aproximadamente três milhões de pessoas com deficiência e suas famílias as quais vivem na Ucrânia a situação é muito pior. Como uma pessoa com deficiência advogando pelos direitos das pessoas refugiadas com deficiência por muitos anos, eu estou muito preocupada com as minhas irmãs e irmãos na Ucrânia que estão vivenciando diversas

barreiras para acessar uma evacuação segura e receber a ajuda humanitária. (...) A guerra pode ser uma das causas pela violação dos direitos humanos, incluindo os direitos das pessoas com deficiência e isto deve acabar imediatamente. No meio tempo, todas as partes deveriam respeitar a sua obrigação internacional de assegurar a proteção e segurança das pessoas com deficiência" (IDA; tradução nossa)

A fuga se torna difícil assim como a proteção e a ida a bunkers, e a falta de acessibilidade já vividas antes do momento da guerra e mais ainda quando se torna necessário descer em espaços pequenos para achar segurança. Estas são as questões físicas da falta de acessibilidade, mas ao adentrarmos nas questões cognitivas, temos diversas falhas no sistema internacional e na acessibilidade. A paciência, a fala, a conversa, o pensar fora da caixinha, não são coisas que são analisadas e propostas dentro e fora dos Estados Nacionais, os direitos referentes a remédios, educação, saneamento básico, cultura, desenvolvimento pessoal, e outros direitos básicos inacessíveis por esta parte da população se tornam impossíveis na atual conjuntura do sistema internacional. Políticas que são limitantes e pensadas para o padrão determinado a partir de um conceito ultrapassado e higienista, as quais querem invisibilizar e apagar um grupo grande da população. E as questões se agravam quando são crianças, estas que não deveriam possuir responsabilidades, e muitas vezes não tem independência para conseguirem se desenvolver a partir de um estado e sociedade limitante

Com tantas revoltas com o sistema, se torna emergente os jovens ativistas que lutam pelos seus direitos e pelos dos outros, pelos direitos ambientais, sociais, entre outros. Assim trago os jovens ativistas, como participantes das associações Youth Climate Leaders, Fridays for future, Fundo Malala, Youth for Future, CISV (Children's International Summer Village), Movimento Juvenil Indígena, Movimento Rise Up, Juventude para a África Futura, entre outras diversas organizações que focam no jovem e na criança como uma peça fundamental para a mudança dentro do sistema capitalista. Sempre procurando a necessidade de ações diretas para apresentar propostas para que os direitos básicos humanos sejam fornecidos pelo estado nacional e internacional.

Os jovens são o futuro, por mais clichê que isso signifique, é verdade. A educação, a consciência e o desenvolvimento dos jovens hoje refletirão no futuro e qual caminho certas áreas do mundo iriam tomar. Como exemplo a ONG Internacional CISV, criada após a segunda guerra mundial pela psicopedagoga Doris Allen, com o objetivo de promover a paz mundial a partir do compartilhamento de conhecimento e culturas entre crianças do mundo todo, onde após diversas pesquisas chegou à conclusão que a partir dos 11 anos as crianças passavam a aprender e desenvolver pensamento críticos que os levariam para a vida e assim, viu que através do

conhecimento do outro em si, era possível alcançar uma paz mundial parcial. A Youth Climate Leaders, trabalha no setor ambiental com foco no aquecimento global “*criado para enfrentar as duas maiores ameaças contra o futuro dos jovens: o desemprego estrutural e a crise climática*” (YCL, 2018), onde realizam encontros entre jovens e discutem com o objetivo de “*construir oportunidades para jovens liderarem solução para a crise climática*” (YCL, 2018)

Como já citado no texto, vemos que as atuações em cima das crianças em conflitos armados e a evidência da existência destas crianças, são em países considerados periféricos, em que a mínima intervenção já é vista pela população mundial como uma salvação dos problemas daquele país, estas intervenções são superficiais e não são uma ajuda eficaz.

As crianças são utilizadas de forma errada pelos governos para propagar a ideia através de imagens, falas forçadas e apelações propostas. A imagem de uma criança comove e transforma o pensamento de quem vê, assim acreditando no que o autor da foto e da ação tem vontade de propagar. Além de trazer a falsa sensação de confiança, ao ver uma pessoa cuidando de uma criança e sendo apreciada por elas, nossos cérebros acreditam que aquele seja uma pessoa de confiança. Um acontecimento que levou a atenção internacional foi a utilização da imagens de crianças pelo Presidente Jair Bolsonaro em diversas ocasiões e as associá-las às forças armadas, com armas, fardas e com gestos referentes a armas de fogo assim o órgão que monitora o cumprimento da Convenção sobre os Direitos da Criança, condenou a utilização destas crianças como uma propagando política. (DE PAIVA, 2021).

Temos um exemplo claro da utilização das crianças na política interna e externa, e em como a imagem das crianças é utilizada de forma indevida. A política externa tem automaticamente uma reflexão no interno, e vice-versa, e este é um dos principais motivos da atenção necessária às diversas temáticas das infâncias pelas relações internacionais. O desenvolvimento de uma política decolonial, anticapitalista, antirracista é de suma importância para o desenvolvimento de um possível mundo desenvolvido e pacífico-limitante, para sairmos de um estado de constante guerra social, política e econômica.

Por isto, a disciplina das relações internacionais tem o dever de trabalhar e discutir temas que englobam o interno e o externo em forma conjunta. Onde cada ator internacional tem uma função importante para a construção do sistema internacional, é necessário a desconstrução de um projeto colonialista, eurocentrista e imperialista, o qual se limita a analisar sob a perspectiva branca e masculina e os colocando como protagonistas. As crianças entram nessa discussão para trazer

uma perspectiva do que move os jovens, o que os empenhar e quais são os futuros possíveis com base nestes conhecimentos e vivências, e como o sistema internacional e a sociedade internacional podem se alterar e modificar ao longo dos próximos anos. A disciplina deve olhar além da visão "básica" em relação à infância e ver que os estudos vão além das crianças soldados e que outras seções também têm equivalência no cenário internacional, e ao mesmo tempo se mostra necessário a evidenciação da existência destas crianças vulneráveis em espaços de conflitos.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

A guerra é algo constante, e dentro do sistema que existimos é difícil ver um momento sem conflitos, já que a construção social e estrutural segue o caminho de uma competição e de uma luta de poderes. Quem sofre com estes conflitos são as minorias e os mais vulneráveis. O que é a guerra? E será que existe paz em países periféricos e semiperiféricos?

Nos países do Sul, a paz só existe no conceito comum de paz, porém como vimos ao longo do artigo, a guerra pode se mostrar em outros campos e brechas, como nas ações policiais, na limitação de mobilidade partindo de uma (não)-atuação institucional, ataques verbais e psicológicos, e um apagamento de um grupo da sociedade. Para a construção de uma paz justa, seria necessário reformular o conceito e o caráter colonial-capitalista-racista mundial, algo impossível ao estágio em que estamos, porém também temos as alternativas da educação e da atuação dos movimentos populares.

As três principais teorias na pedagogia sobre a pacificação futura e meios de criar um ambiente favorável à resolução pacífica de conflitos são: a educação para a paz, a educação para o Peace Building e a educação crítica. A primeira tem como foco a construção pacífica através da proliferação de valores e ensinamentos às crianças. A segunda, se torna uma educação com base no cultivo dos valores, da tolerância cultural e da não violência, a partir da vivência e da realidade vivida por aqueles que sofreram com as zonas de conflitos. E a educação crítica, a qual conversa com as duas últimas, porém traz um caráter mais crítico de análise a realidade, com caráter de revolta em relação às desigualdades presentes no dia a dia. (DA SILVA LAU, 2019)

Estas formas de educação para a paz são eficientes num contexto micro, porém ao ir para um contexto macro, se torna essencial a construção de um pensamento decolonial. Essa concepção decolonial que vai contra as raízes colonialistas do pensamento e de construções teóricas, nos faz repensar os conceitos já existentes, e nossas próprias atuações limitantes e pensamentos

preconceituosos. E trazer a desconstrução para os pensamentos acadêmicos, e para as construções de uma disciplina das relações internacionais latino-americana e que se volte para o interno, analisando a partir de uma perspectiva periférica.

As crianças associadas a conflitos armados estão presentes, de alguma forma, em todos os continentes, sendo uma categoria da sociedade a ter atenção por parte de todos, sendo necessário políticas internacionais voltadas ao auxílio a todos. Com uma análise baseada na vulnerabilidade geral analisando estes como peças importantes da sociedade para um futuro mais pacífico, igualitário e decolonial, com julgamentos em base da construção macro e não específica. A culpa destas crianças pegarem em armas e utilizarem da violência como uma solução é do sistema, um sistema extremamente competitivo e de sobrevivência sistemática.

Além das designadas crianças-soldados, temos também que dar atenção a todas as categorias da infância que sofrem consequências com os estados de conflito, e a falta de atenção dos atores internacionais. Por mais que a atenção dos países imperialistas em cima das crianças soldados seja contraditória e com a falsa noção de ajuda. As infâncias dentro das relações internacionais são pouco evidenciadas como significativas, tanto no caráter acadêmico e nas disciplinas apresentadas pelas universidades, como por parte dos estudiosos da categoria.

Como já dito os jovens têm um papel fundamental na construção da paz, no futuro e no presente. Assim precisam ser analisados e estudados como atores internacionais e como seres individuais e essenciais para a sociedade internacional. As crianças refletem os meios que estão e propagam aquilo que são ensinadas, o que veem, o que vivem e o que escutam, e estes meios são mostrados desde o caráter internacional, doméstico, institucional, cultural, entre outros. Por isto é necessário a evidência das crianças como peças-chaves de uma construção e da análise desta sociedade.

Aqui parablenizo todos que decidiram tomar o rumo de estudar a infâncias nas relações internacionais, acredito que existe sim muito material, porém é necessário que estes materiais e estudos cheguem a mais pessoas, e que estas pessoas, e principalmente internacionalistas entendam a importância dos estudos nesta categoria.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina E O Giro Decolonial**. Revista brasileira de ciência política, p. 89-117, 2013.

BEIER, Marshall. **Discovering Childhood in International Relations**. New York, NY. Palgrave Macmillan. 2020

BELÉMLOPES, Dawisson. **A ONU tem Autoridade Política? Um Exercício De Contabilidade Política (1945-2006)**. Revista Brasileira de Política Internacional, 50. 2007.

BIAZATTI, Bruno de Oliveira. MARTINELLI, Eliza. WILLRICH, Emili. ADELINO, Nathalia Monte. **Recrutamento Infantil: Uma Reflexão À Luz Do Estudo De Crianças Soldado Na República Da Colômbia E Na República Democrática Do Congo**. In: TENÓRIO, Vivianne Wanderley Araújo. FALCÃO, Wanda Helena Mendes Muniz. **Crianças, Infância E Conflitos Armados: Análises Das Conjunturas Global E Regionais**. Erechim: Deviant, 2017. Brasil

BLANCO, Ramon; DELGADO, Ana Carolina Teixeira. **Problematizing The Ultimate Other of Modernity: The Crystallization of Coloniality in International Politics**. Contexto Internacional, v. 41, p. 599-619, 2019.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 jul. 1990a.

BURMAN, Erica; GREENSTEINA, Anat; KUMARB, Manasi. **Frames And Debates for Disability, Childhood and The Global South: Introducing the Special Issue**. Disability and the Global South, 2015 OPEN ACCESS Vol.2, No. 2, 563-569

CARPANEZ, Juliana. Nascidos para matar. **UOL Notícias**, 2018. Disponível em: <https://www.uol/noticias/especiais/criancas-soldado-sudao-do-sul-.htm#imagem-8>. Acesso em: 09 de abril de 2022

CISV. Children 's International Summer Village. CISV. 1951. Página Inicial. Disponível em: <https://cisv.org/>. Acesso em 14 de maio de 2022.

DA SILVA LAU. Nycolas Candido. **Colonialidade Da Paz: Esforços Ameaçados Pelo Eurocentrismo Em Um Estudo Da Educação Como Ferramenta De Paz**. Cadernos de Relações Internacionais/PUC-Rio. Edição especial “Violência”. Vol. 1 April 2019.

DE PAIVA, Giovanna Ayres Arantes. **A Reintegração de Crianças-Soldados nas Operações de Paz da ONU**. Revista Brasileira de Estudos de Defesa, v. 3, n. 2, 2016.

DE PAIVA, Giovanna Ayres Arantes. **Crianças E (In)Segurança [Recurso Eletrônico: A Construção De Narrativas Sobre Crianças Soldado Na Agenda Internacional**. Campinas, SP. UNICAMP/IFCH; PPGRI San Tiago Dantas, 2021

DE PAIVA, Giovanna Ayres Arantes. A condenação de Bolsonaro na ONU pela exposição de crianças. **Le Monde: Diplomatique Brasil**, 16 de novembro de 2021. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-condenacao-de-bolsonaro-na-onu-pela-exposicao-de-criancas/>

Drama das crianças na Ucrânia em guerra: mais de 1 milhão estão refugiadas. **UOL Notícias**. 14 de março de 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2022/03/14/drama-das-criancas-na-ucrania-em-guerra-mais-de-1-milhao-estao-refugiadas.htm>. Acesso em 27 de maio de 2022.

INSTITUTO FOGO CRUZADO. #FogoCruzado, 2016. Página Inicial. Disponível em: <https://fogocruzado.org.br/>. Acesso em: 13 de maio de 2022

GARBIN, Isabela. **Direitos Humanos E Relações Internacionais**. São Paulo, SP. Contexto, 2021. Coleção: Relações Internacionais/coordenador Antônio Carlos Lessa.

GUERRA, M. Eduarda. Um conto de dois mundos: a guerra entre Rússia e Ucrânia e a percepção da mídia sobre as crianças. **GEDES (Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional)**. 11 de abril de 2022. Disponível em: <https://gedes-unesp.org/um-conto-de-dois-mundos-a-guerra-entre-russia-e-ucrania-e-a-percepcao-da-midia-sobre-as-criancas/>. Acesso em: 12/05/2022

LUKATSKY, Efem. Children in war-torn Ukraine learn the art of war. **APNEWS**. August 4, 2017 Disponível em: <https://apnews.com/article/880ff094ac3a4e699e95f7b45b6dd5e6>. Acesso em: 12 de maio de 2022.

MARTUSCELLI, Patrícia Nabuco; BANDARRA, Leonardo. **Triply Silenced Agents: Cognitive Structures and Girl Soldiers in Colombia**. *Critical Studies on Security*, v. 8, n. 3, p. 223-239, 2020.

MAZURABA, Dyan, and COLE, Linda. 2013. “**Women, Girls and Disarmament, Demobilization and Reintegration (DDR)**.” In *Women and Wars: Contested Histories, Uncertain Futures.*, edited by C. Cohn, 194–214. Cambridge: Polity Press

PAGNI, Pedro Ângelo. **Infância, Arte De Governo Pedagógica E Cuidado De Si**. *Educação & Realidade*, v. 35, n. 3, p. 99-123, 2010.

Parents Of Under-18 Recruits Speak Out About Abuse at Army Training Center. **Child Rights International Network**. 2021. Disponível em: <https://home.crin.org/readlistenwatch/stories/army-abuse-testimonies>. Acesso em: 24 de abril de 2022

PEIXOTO, Guilherme. VICTOR, Marcello. Rapaz com deficiência intelectual foi morto por PMs à paisana e com tiros de fuzil, diz irmão. **G1**. 7 de maio de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/05/07/rapaz-com-deficiencia-intelectual-foi-morto-por-pms-a-paisana-e-com-tiros-de-fuzil-diz-irmao.ghtml>. Acesso em 15 de Maio de 2022



RAF-IHH City for Human Welfare Opened Its Doors. 18 de maio de 2017. Disponível em: <https://ihh.org.tr/en/news/rafihh-city-for-human-welfare-opened-its-doors>. Acesso em: 27 de maio de 2022.

RICHMOND, Oliver. **Peace: A Very Short Introduction**. Oxford: Oxford University Press. 2014

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade Do Poder, Eurocentrismo E América Latina. A Colonialidade do Saber: Eurocentrismo E Ciências Sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, p. 227-278, 2005.

TED Talk. **Emmanuel Jal: The Music of a War Child**. Youtube. 07 de agosto de 2009. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=nF\\_dHdNOgSA](https://www.youtube.com/watch?v=nF_dHdNOgSA)

Through this conflict in Ukraine, what happens to persons with disabilities? **International Disability Alliance**. Disponível em: <https://www.internationaldisabilityalliance.org/content/through-conflict-ukraine-what-happens-persons-disabilities>. Acesso em: 15 de maio de 2022

VALPORTO, Oscar. Crianças mortas à bala: tradição de começo de ano no Rio. **#Colabora**. 12 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://projetcocolabora.com.br/ods16/criancas-mortas-a-bala-tradicao-de-comeco-de-ano-no-rio/>. Acesso em: 13/05/2022

Vai Passar: Infância nas favelas com Jota Marques. Entrevistado: Jota Marques. Entrevistadores: Elisama Santos e Thiago Queiroz. 11 de maio de 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0QQFdDCzlw3hvfROMV7PP?si=e69d3c699cb548a2>. Acesso em 18 de maio de 2022

United Nations International Children's Emergency Fund (UNICEF). **Cape Town Principle and Best Practice**. 27-30. April 1997, Cape Town, South Africa.

WATSON, Alison MS. **Saving More Than the Children: The Role of Child-Focused NGOs In the Creation of Southern Security Norms**. Third World Quarterly, v. 27, n. 2, p. 227-237, 2006.

YCL. Youth Climate Leaders. 2018. Página Inicial, Disponível em: <https://pt.youthclimateleaders.org/about>. Acesso em 14 de maio de 2022.